



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 16 – Ano VIII – 10/2019
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

Quando a Literatura Brasileira lê Miguel de Cervantes: uma proposta didática para aprendizes de espanhol como língua estrangeira¹

Prof^a. Dr^a. Antonia Javiera Cabrera Muñoz

Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC - Brasil

Pós-Doutora em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES - Brasil

Docente da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades

Diamantina - UFVJM - Brasil

<http://lattes.cnpq.br/1408929812033417>

E-mail: antonia.cabrera@ufvjm.edu.br

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar uma proposta didática para aprendizes de espanhol como língua estrangeira que cursam disciplinas de literatura estrangeira no Bacharelado em Humanidades da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (UFVJM). Como docente do Curso de Letras-Português e Espanhol que leciona disciplinas da área de espanhol no BHu, percebe-se enorme dificuldade dos alunos de acompanharem a leitura de obras literárias provenientes de países onde o espanhol é a língua oficial, pois falta-lhes, além do domínio da língua, arcabouço histórico-cultural para acompanhar a leitura de tais obras. Uma das estratégias adotadas em sala de aula tem sido a utilização de releituras, traduções e adaptações de obras estrangeiras realizadas por escritores e poetas da literatura brasileira, que, ou leram essas obras em suas próprias criações (como é o caso de Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna que leram Miguel de Cervantes em suas obras), ou ofereceram belas traduções e adaptações para o grande público nacional, de modo a formar o jovem leitor. Uma dessas obras é a que

¹ Originalmente apresentado como comunicação oral no II CONED – Congresso Nacional de Educação, realizado entre os dias 26 e 28 de setembro de 2018, com o tema “A educação que temos e a educação que queremos”, no campus JK da UFVJM, em Diamantina-MG.

fez Orígenes Lessa (1903-1986), que escreveu seu *Dom Quixote* destinado a esse público. Faz parte da Coleção Clássicos da Literatura Juvenil da Editora Ediouro (Rio de Janeiro, 2005). Nossa proposta baseia-se na leitura da obra em português, com posterior seleção de episódios em espanhol. A metodologia complementa-se com a apreciação de outras obras artísticas, provenientes das Artes Plásticas, Gráficas e da Música. Quadros a óleo, caricaturas, ilustrações de edições passadas do *Dom Quixote* e até obras musicais fazem parte da nossa proposta didática. Espera-se, com isso, que o ensino de literatura estrangeira na Universidade seja mais do que um mero pretexto para o ensino de língua estrangeira: que faça parte da formação da própria personalidade do aluno, que inclui o bacharelado em Humanidades. Conforme os grandes pensadores, “O homem só tem uma força, e essa força chama-se personalidade” (Goethe), e isso se conquista, principalmente, pelo correto e amplo acesso aos grandes clássicos da Literatura.

Palavras-chave: Educação. Literatura Estrangeira. Miguel de Cervantes. Dom Quixote de la Mancha. Orígenes Lessa.

Introdução

Cecília Meireles, em uma crônica publicada nos anos 30 do século passado, “Inauguração da Escola Uruguai”, escreve que “A escola tem de ser exemplo de sinceridade” (MEIRELES, 2017, p. 118). Ela chega a essa conclusão após notar que, quando uma instituição de ensino recebe visitas de fora, a escola não pode pecar por ser exagerada, perdendo-se de vista o que de fato interessa:

Lembre-mos de que não são os enfeites das escolas, as exposições apressadas, artificiais e insignificativas de trabalhos e de aptidões o elemento capaz de aproximar numa união profunda e útil aqueles que as circunstâncias aproximam. (MEIRELES, 2017, p. 117)

Tal como a amizade verdadeira, a amizade entre nações deve ser simples:

Mas a condição mais elevada da amizade reside na pureza simples, que não se desvia por aparências falsas, nem com o propósito de honrar os próprios amigos. (MEIRELES, 2017, p. 118)

Começamos com estas ideias de Cecília Meireles, para fazer uma saudável provocação: como vemos o ensino de línguas estrangeiras hoje? E o ensino das literaturas estrangeiras na Universidade? Apesar dos recorrentes desafios que o ensino de espanhol tem atualmente, vemos que está bastante difundido, o que é salutar, mas avaliamos que nossas relações com as nações hispânicas podem ser

ainda mais sinceras, no sentido de haver uma aproximação mais real e aprofundada com os autores e obras da literatura hispânica e, em consequência, com um arcabouço histórico-cultural imensamente variado.

Hoje, aproximar-nos a essas nações nos leva, maiormente, a dois fenômenos: ou à exagerada admiração de símbolos provenientes da cultura de massa, como programas televisivos ao estilo do “Programa do Chaves”, ou à honraria que se dá a supostos mártires de outras épocas e que continuam sendo modelos de leituras não só na Universidade, mas em livros didáticos², como o revolucionário Che Guevara (1928-1967). Não creio que colocá-los como prioridade no ensino de língua e literatura estrangeira na Universidade seja realmente ensinar a língua espanhola e suas literaturas. A leitura de literatura no ensino universitário deveria ser proveitosa ao máximo, contando-se com autores e obras das mais diversas procedências, mas que nos legaram bons frutos e bons exemplos de vida, mesmo que essas vidas tenham se dado nas maiores adversidades locais³.

Voltaremos a comentar as ideias de Cecília Meireles mais adiante. Agora, passemos para a nossa situação real, isto é, o local onde atuamos como docente do Curso de Letras-Português e Espanhol na Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da UFVJM. Em função da gradual expansão das Universidades com o Programa REUNI⁴, em nosso país tem-se dado especial atenção ao ensino da língua e da literatura hispânica com o objetivo de formar professores para os ensinos básico e médio em Cursos de Licenciatura em Letras situados em lugares que, até há pouco tempo, não tinham nenhuma oportunidade de ter acesso às culturas hispânicas. A cidade de Diamantina é um exemplo disso. As escolas de ensino

² Recém-chegada ao Curso de Letras-Português e Espanhol da UFVJM, em 2013, fui incumbida de avaliar algumas coleções de livros didáticos para o Ensino Médio. Observei que os conteúdos culturais eram muito parecidos: de mártires a poetas revolucionários, como Simão Bolívar, Che Guevara e Pablo Neruda a personagens já batidos na mídia, como *Mafalda*. Coleções avaliadas: *¡Entérate!* (2009), *El Arte de Leer* (2010), *Saludos* (2011) e *Síntesis* (2012). Não questiono a diversidade e a atualidade dos conteúdos culturais, mas o motivo de haver tantas coleções para o Ensino Médio (e que são financiadas pelo Estado brasileiro) em que parece se seguir, a priori, uma “cartilha” do que deve e não deve estar presente em obras publicadas. Em suma, o que é considerado Cultura e o que não é em função do exemplo humano e de vida que cada um desses personagens sugere em detrimento de outros.

³ A começar por Miguel de Cervantes (1547-1616), que não teve uma vida de todo gloriosa.

⁴ REUNI-Reestruturação e Expansão das Universidades Federais: diretrizes gerais. Cf. documento publicado em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2018. O programa é uma das ações do Plano de Desenvolvimento da Educação-PDE, lançado pelo então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no Decreto nº. 6.096, de 24 de abril de 2007.

regular da região do Vale do Jequitinhonha ainda não oferecem o espanhol em seus currículos apesar de que existe um Curso de Licenciatura em Letras-Português e Espanhol em pleno funcionamento no campus JK da UFVJM⁵. Entretanto, devido ao enorme interesse por parte da população do Vale⁶, o ensino desse idioma foi se instalando em algumas instituições de ensino regular e livre⁷, fomentado, também, por projetos de ensino e extensão promovidos pelos professores de tal Curso de Licenciatura.

Nesse contexto, sabe-se também que a massificação do conhecimento e da cultura é um desafio para os professores universitários num momento crítico da educação nacional. Com a crescente massificação da formação universitária, nosso país sofre com altos índices de analfabetismo funcional⁸ que afetam todos os cursos de graduação, o que torna praticamente impossível realizarmos um trabalho de acordo com o que se espera de um universitário (leituras, análises críticas, produções escritas e apresentações de trabalhos autorais baseados em estudo orientado). Nosso dia a dia na sala de aula tem se mostrado mais de tentar ajudar aos alunos a sanarem suas dificuldades de ordem intelectual e até material (incluindo a financeira), do que esperar deles uma postura mais autônoma e compromissada, o que seria a ideal. Nem todos, é claro, mostram-se assim, mas

⁵ O Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras-Português e Espanhol (2011) da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades está publicado em: <<http://site.ufvjm.edu.br/letras/files/2013/06/Letras-Portugu%C3%AAs-Espanhol-Projeto-Pedag%C3%B3gico.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2018.

⁶ O Vale do Jequitinhonha está composto por doze territórios do estado de Minas Gerais. São 51 municípios divididos em cinco microrregiões, situados ao longo do Rio Jequitinhonha. A microrregião de Diamantina, onde está localizado o campus JK, compreende os municípios de: Couto Magalhães de Minas, Datas, Diamantina, Felício dos Santos, Gouveia, Presidente Kubitschek, São Gonçalo do Rio Preto e Senador Modestino Gonçalves, além de: Alvorada de Minas, Carbonita, Coluna, Itamarandiba, Materlândia, Rio Vermelho, Santo Antônio do Itambé, Serra Azul de Minas e Serro. O campus JK atende os alunos de todas essas cidades, fora os provenientes de outros lugares do Brasil e até do exterior.

⁷ OCEM-Espanhol-Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Cf. documento publicado em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 04 set. 2018. Nesse documento se faz a diferença entre ensino regular (escolar) e livre (promovida em institutos e escolas de idiomas). Não se trata somente de uma diferença de termos, mas, também, de experiências de ensino diferentes.

⁸ Cf. a palestra “O dever de educar-se”, ministrada pelo professor Rafael Falcón em 29 de novembro de 2017 na cidade de Campina Grande, estado da Paraíba, para o Instituto Borborema: <<https://www.youtube.com/watch?v=NmZuxxWOh2g>>. Acesso em: 01 set. 2018. Enumeram-se vários resultados estatísticos realizados por pesquisas realizadas no Brasil que mostram o evidente aumento do analfabetismo funcional entre os estudantes universitários. Outro documento, recentemente publicado por Laio Brandão no Facebook, é: “Analfabetismo e histeria: por que o brasileiro não consegue dialogar? Rosenstock-Huessy explica”. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1th4bRNzHpgLMQvj8af2kGiPaUIVWYX5-8PuHH0NEU6o/edit>>. Acesso em: 19 set. 2018.

vemos que a grande maioria mostra-se passiva ou tentando, mesmo com subsídios financeiros, safar-se o mais possível dos compromissos básicos de um curso universitário ao optarem por cumpri-los sem real empenho. Alcançar o tão almejado diploma do ensino superior nunca se mostrou tão abaixo do que realmente se espera de professores e alunos em termos de rendimento acadêmico. Eis o que presencio no meu dia-a-dia como docente universitária. Mas não é nosso propósito ficar nos lamentando da situação, pois sempre há caminhos possíveis na Educação. De fato, acreditamos nela.

Assim, nos perguntamos: como sair dessa situação embaraçosa em um país onde o conhecimento é facilmente substituído por exemplos de cultura imposta e duvidosa, isto é, que não levam esse alunado a uma verdadeira e autônoma formação intelectual?

Apesar do panorama pessimista, pensamos que é possível fazer a diferença em um ambiente tomado, ou pela alegada “pluralidade de ideias”, ou pela redução do conhecimento a enganos desastrosos, como confundir personalidades intelectuais como Miguel de Cervantes com personagens do “Programa do Chaves” e até com supostos mártires como Che Guevara e similares⁹, fenômeno que reduz, sem pensar, a riqueza cultural e até idiomática de todo um continente latino-americano a umas quantas propagandas advindas da cultura de massa ou de determinada visão político-ideológica que se pretende impor na educação nacional custe o que custar¹⁰. Sem mencionar a redução de uma Espanha a um caráter revolucionário, como se isso fosse determinante para uma introdução real a seu

⁹ Na obra *Guia Politicamente Incorreto da América Latina*, dos autores Duda Teixeira e Leandro Narloch (Leya, 2011), retomam-se alguns personagens-chave da História da América Latina, como Che Guevara, Fidel Castro e Salvador Allende, entre outros, com o objetivo de mostrar que, ao contrário do que se propaga na Cultura e na Educação, a verdadeira história desses personagens não ocorreu como comumente se aprende nas universidades e escolas ou se lê e ouve nos meios de comunicação. O falso herói latino-americano é o principal alvo deste livro.

¹⁰ Essa visão político-ideológica baseia-se principalmente em Antonio Gramsci (1891-1937), aplicado no Brasil por Paulo Freire (1921-1997) e Darcy Ribeiro (1922-1997), entre outros. No seu artigo “O nome da coisa”, publicado pelo jornal *O Globo* em 28 de fevereiro de 2004, o filósofo Olavo de Carvalho resume assim a estratégia dessa visão: “‘Sociedade civil organizada’ é o termo técnico com que Antonio Gramsci designa a rede de entidades extrapartidárias a serviço do Partido. Dizer que o Partido as controla é portanto redundante: elas constituem, segundo Gramsci, o ‘Partido ampliado’. Quando essa rede abrange os principais canais de expressão da sociedade, não há mais opinião pública: há apenas a voz do Partido, ecoada em muitos tons e oitavas que simulam variedade espontânea. É a materialização da ‘hegemonia cultural’ que monopoliza as ideias em circulação e forja até o vocabulário dos debates públicos, adquirindo sobre a mentalidade geral ‘o poder onipresente e invisível de uma lei natural, de um imperativo categórico, de um mandamento divino’ (sic)”. Retirado de: <<http://www.olavodecarvalho.org/o-nome-da-coisa/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

legado cultural. Toda alegação da diversidade cultural deve passar, como exigência inapelável, por essa dupla peneira: ou pela pura diversão improvisada, ou pela sorrateira “revolução da educação”.

Essa é uma situação a qual não estamos dispostos a aceitar, pois a maior consequência dessa situação é que a população carente de Cultura, uma vez ingressada à Universidade, não sabe diferenciar o bom do ruim¹¹, o que convém e não convém estudar em pouco mais de quatro anos de estudos universitários, inclusive depois, quando atue como professor de espanhol. Por falta de acesso ao conhecimento que verdadeiramente forma e eleva o ser humano, muitos acreditam que com o que aprenderam em seus cursos universitários tiveram uma formação à altura de suas inteligências e que com isso basta¹².

Infelizmente, solapar o conhecimento – sobretudo o artístico, o histórico e o literário – tornou-se uma prática diária na Educação em qualquer nível (básico, médio e superior) no nosso país. Se se oculta maliciosa e cautelosamente (até descaradamente) a Alta Cultura nas salas de aula dos Cursos de Letras, não parecerá anormal aos futuros professores não ensiná-la a seus futuros alunos, pois o que não se conhece conscientemente, não fará nenhuma falta¹³.

Por conta dessa situação verificada *in loco* na Universidade onde leciono, mas também em outras Universidades brasileiras, resolvi dedicar-me à criação de projetos de ensino e de extensão¹⁴ que tivessem por objeto a formação do

¹¹ Assim como acontece na nossa alimentação, há coisas que alimentam melhor do que outras. Isso vale também para a Cultura: há os bons e os maus frutos. Não se trata de polarizar “cultura de elite” versus “cultura popular”, antônimo tão batido nas discussões em torno da Educação, mas de alçar a Cultura à condição de verdadeira formadora do cidadão autônomo, livre para pensar e agir sobre os temas nacionais e estrangeiros de todas as épocas e lugares.

¹² O filósofo grego Aristóteles (384 a. C.-322 a. C.) defendia que, como seres humanos, todos devemos alcançar virtuosamente e ao longo da nossa vida, os chamados bens verdadeiros. Na sua obra *Aristóteles para Todos* (É Realizações, 2014), o filósofo Mortimer J. Adler (1902-2001) divide os bens verdadeiros em três grupos: os bens corporais, os bens externos ou a riqueza e os bens da alma. Enquanto os dois primeiros são limitados e devem ser equilibrados, o último é ilimitado e é o que mais faz bem ao ser humano. Cf. o capítulo 12, “Como buscar a felicidade”, pp. 99-105.

¹³ Para Olavo de Carvalho, o homem é o portador do conhecimento efetivo. O conhecimento enquanto bem social é apenas conhecimento potencial, é coleção de registros e convenções que, para se tornar conhecimento efetivo, deve ser efetuada, atualizada na consciência do indivíduo vivente.

¹⁴ Entre 2014 e 2017, meus projetos contaram com a participação de mais de 70 graduandos, entre bolsistas e voluntários, além da comunidade local. São eles: *Quiero Leer y Hablar en Español*: oficinas literárias para os discentes dos Cursos de Bacharelado em Humanidades e Licenciatura em Letras-Português e Espanhol da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (PROAE 2015), *DISCO*: um projeto de formação de discoteca em música clássica para apreciadores do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais – Brasil (PROCARTE 2014, 2015 e 2016), Oficinas de Espanhol no Centro de Referência de Assistência Social-CRAS de Datas (PIBEX 2016), Curso de Extensão em

bacharelado em Humanidades na área de espanhol, de modo a mostrar que é possível introduzir o aluno à aprendizagem de uma língua estrangeira com textos literários hispânicos dos mais variados gêneros e procedências sem prévias orientações ideológicas de qualquer cunho, principalmente as político-partidárias, e sem a mera improvisação que transfere, para o próprio aluno, a responsabilidade de estudar conteúdos e métodos que deveriam ter sido teorizados e praticados durante sua formação acadêmica.

Assim, a proposta didática que ora se apresenta é uma amostra do que venho realizando e está direcionada aos alunos do Bacharelado em Humanidades, pois venho trabalhando, desde 2013, com duas disciplinas do Curso: Espanhol Instrumental (Eixo de Base) e Literatura Estrangeira II – Espanhol (Eixo das Áreas de Concentração)¹⁵, segundo o Projeto Político Pedagógico do Curso¹⁶.

A proposta didática baseia-se na leitura da obra *Dom Quixote* do escritor brasileiro Orígenes Lessa (1903-1986), feita a partir da tradução e adaptação do *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes, publicada na coleção “Clássicos da Literatura Juvenil” da editora Ediouro (Rio de Janeiro, 2005). Faremos a seleção de um episódio em espanhol e o compararemos à obra adaptada para propor uma introdução à leitura da obra em espanhol. A metodologia complementa-se com a apreciação de outras obras artísticas provenientes das Artes Plásticas, Gráficas e da Música. Quadros a óleo, caricaturas, ilustrações de edições passadas do *Dom Quixote* e obras musicais fazem parte da proposta.

Espanhol: língua, literatura e culturas hispânicas (PROEXC 2016) e Curso de Capacitação em Espanhol para os Funcionários do Museu do Diamante (PROEXC 2017). Em 2017 e 2018, não propus mais projetos em função de minha pesquisa pós-doutoral iniciada em 2017 e recentemente concluída com o tema “Música no *Dom Quixote* (1605 e 1615) de Miguel de Cervantes (1547-1616)”. Durante esse período, minha contribuição à área de Educação deu-se através de duas participações: uma, em 6 dezembro de 2017, no 3º Encontro de Estudos Pedagógicos (campus JK); outra, em 9 de junho de 2018, no 5º Seminário de Educação Infantil (Laboratório do Curso de Turismo), ambas com a oficina “Dom Quixote para Crianças”, ministrada para alunos e professores da Universidade e provenientes da rede pública e particular de ensino fundamental da região.

¹⁵ Essas disciplinas, inclusive, possuem cada uma apostila concebida por mim e pelo artista final Carlos Felice, da cidade de São Caetano do Sul (São Paulo).

¹⁶ O Projeto Político Pedagógico do Curso de Humanidades (2012) da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades está publicado em: <<http://www.ufvjm.edu.br/cursos/bhu/projeto-pedago-menu-bhu-753.html>>. Acesso em: 05 set. 2018.

O clássico da Literatura e o *Dom Quixote* na Universidade

Já que fizemos uma defesa da Alta Cultura na Universidade, vamos refletir sobre esta questão: por que ler o *Dom Quixote* na Universidade? Como um aluno universitário pode chegar até a obra? Para respondê-la, vamos primeiro gastar algumas linhas sobre outra reflexão: o que é um clássico da Literatura, por que e como lê-lo? Parece óbvia essa questão, mas, para sermos coerentes com a nossa defesa, precisamos argumentá-la com fundamento.

O professor Luiz Gonzaga de Carvalho Neto, do Instituto Cultural *Lux et Sapientia*, de São Paulo, faz algumas reflexões sobre os clássicos da Literatura na palestra “A Importância da Literatura”¹⁷, introdutória do Curso “Leitura dos Clássicos” promovido pelo Instituto em 2011. A palestra contém muitas ideias. Assim, vamos destacar algumas delas para desenvolver o tema desta reflexão: o que é um clássico? Por que ler um clássico e como lê-lo? No início de sua palestra, o professor Luiz Gonzaga logo define qual seria a maior função da Literatura: “Transmitir experiências humanas que são difíceis de se reproduzirem e que, no entanto, são experiências cujo entendimento é crucial para o entendimento da sua própria vida”. Mais adiante, desenvolve a ideia de que todos nós temos dois olhos diferentes: o superficial (o cotidiano) e o profundo (o literário). Ao convivermos com as pessoas, por mais íntimas que elas sejam para nós, jamais iremos compreendê-las por dentro, pois “Não basta a simples convivência para o conhecimento de um outro”. Mesmo os nossos familiares, jamais iremos conhecê-los mais profundamente se não tivermos uma chave explicativa mais complexa de suas atitudes e emoções. Cito o professor: “As grandes obras da Literatura nos dão a chave explicativa das condutas de uma ou duas pessoas”. Podemos, a partir daqui, já imaginar o que seja o conceito de “clássico da Literatura”: é aquela obra que, através dos tempos, consegue manter sua atualidade de chave explicativa de certos tipos em certas situações humanas. Por exemplo, Raskólnikov, personagem de *Crime e Castigo* (1866), do escritor russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881). Ao lermos essa grandiosa obra, podemos compreender, profundamente, porque ele agiu como agiu (matou a

¹⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jEoYC9XNTuo>>. Acesso em: 09 set. 2018.

velhinha agiota, confessou e se arrependeu no final). Então, ler Literatura é ver uma pessoa profundamente, conhecer seus dilemas internos.

Outra grande função da Literatura destacada pelo professor é a sucessão temporal de certos temas que vêm de há milênios: “Pôr você em contato não apenas com a extensão horizontal da humanidade, isto é, com a diversidade de tipos humanos, como também, com a humanidade enquanto sucessão histórica, sucessão temporal”. O processo de transformação das ideias em fato concreto comporta, ao mesmo tempo, um duplo sentido: aquilo que não pode ser mudado da realidade (porque são elementos que já vêm nela mesma) e aquilo que são puras invenções da mente humana. Então, ler um clássico da Literatura é poder acompanhar, temporalmente, a evolução das ideias acerca de um tema. Podemos ver como uma determinada ideia se modificou ao longo dos tempos e de que forma adquiriu status de “realidade” em certas épocas, ao ponto de confundir-se com a própria realidade. Achamos normais certas ideias, mas elas são apenas construções da mente humana, repassadas ao longo dos séculos pela Cultura. Por exemplo: a ideia de decência, de polidez. O século XIX foi o século em que mais se desenvolveu e se praticou essa ideia. Os antropólogos e sociólogos estão aí justamente para nos ajudar a compreender certas práticas sociais, mas a Literatura nos ajuda a compreender como essas práticas (provenientes de ideias), aconteciam no tempo em que seus autores viveram. Em nosso meio literário temos o nosso maior observador do autoengano, um tema caro ao Brasil até hoje: Machado de Assis (1839-1908). Por que Machado se debruçava sobre essa ideia? Porque ela era muito mais recorrente no Rio de Janeiro da sua época do que qualquer outra ideia. O autoengano formava e continua formando, infelizmente, a nossa característica mais pessoal de ser brasileiro. Mas, como Machado aprendeu a escrever tanta coisa boa? Ele deve ter pensado: “Vou lançar mão da Cultura”. A Cultura Ocidental, da qual ele lançou mão amplamente, nos oferece os meios de viver uma vida humana¹⁸.

¹⁸ Cultura Ocidental ou Civilização Ocidental refere-se a um legado cultural de normas sociais, valores éticos, tradições, crenças, sistemas políticos, artefatos e tecnologias que têm alguma origem ou associação com a Europa (e que têm o legado das civilizações celta, germânica, helênica, latina e cristã). Todas essas civilizações contribuíram com um conjunto de temas e tradições artísticos, filosóficos, literários e legislativos que formam, até hoje, a Cultura de países do continente americano (incluindo o Brasil) e de outros continentes, como a África e a Oceania.

Luiz Gonzaga questiona aos seus alunos presentes à palestra o que é a nossa vida. “Todos nós temos problemas existenciais”, responde a todos, resumindo o que é a nossa vida real. Com a leitura da Literatura que permanece no tempo, surge a necessidade real e efetiva de compreender o que nos afeta particularmente. É somente quando nós nos compreendemos como um instrumento de realização de metas que conseguiremos ir melhorando os sentimentos acerca de nossa existência vital. Então, vamos dizer assim: “Eu preciso me conhecer, pois a felicidade depende de mim, em primeiro lugar, e não do pai, da mãe, do governo, do ‘sistema’, etc.”. Dedicar a minha vida a algo virtual (estudos e espiritualidade) é encontrar o meu tesouro, segundo o professor. Os mecanismos cíclicos da vida humana (comer, dormir, vestir-se, despir-se, pagar as minhas contas, etc.), não nos dão o sentido da vida. Hugo de São Vitor (1096-1141), em *Opúsculo sobre o Modo de Aprender e de Meditar*¹⁹ – citado por Luiz Gonzaga –, escreve que nós, seres humanos, temos duas fontes de temas de meditação: a natureza e os livros. No dizer do professor, “É só na parte intelectual e espiritual que existe vida, abertura, porque ela não se repete. A vida após a morte é um tormento se eu não tornar a minha vida realmente viva”.

Já demos respostas às perguntas “o que é um clássico da Literatura e por que lê-lo”. Falta-nos responder à pergunta: “como lê-lo?” O escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880), autor de *Madame Bovary* (1857), afirmava que “Nós não lemos por diversão ou para ficarmos mais instruídos. Nós lemos para viver”. Então, como podemos ler um livro de Literatura com esse propósito? Para responder a essa pergunta, vamos nos amparar nas ideias de outra palestra, a do crítico literário Rodrigo Gurgel no CONALIT – Congresso Nacional de Literatura e História Pessoal que ocorreu durante os dias 20 a 26 de outubro de 2014 via Internet, precisamente intitulada “Como Ler”²⁰.

Como podemos ler um livro de Literatura? O crítico diz que há muitos métodos de leitura, mas que a única leitura possível é “ler com o lápis na mão”. Por quê? Porque a maneira como a nossa memória absorve o texto, sobretudo o

¹⁹ Disponível em: <<https://hugodesaovitor.wordpress.com/tag/opusculo/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

²⁰ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uHOPP2FvZZ4>>. Acesso em: 09 set. 2018.

literário, por tratar-se de um texto carregado de elementos ficcionais e históricos, além de outros (científicos, culturais, etc.), é necessariamente lenta.

Ao observarmos o real ao nosso redor, nos concentramos em um ponto no horizonte, por exemplo, ao observar uma paisagem – exemplo dado por Rodrigo Gurgel na sua palestra. Não é somente o “olhar” que vê um ponto da paisagem, mas o corpo inteiro a vê. Logo que a contempla, a nossa mente vai construindo analogias com as nossas próprias sensações e histórias passadas para dar sentido àquilo que vemos. Ver a natureza (ou ler um livro, para nos lembrar de Hugo de São Vitor), implica que o observador logo imagine uma narrativa própria. A rememoração é, portanto, individual, mas a realidade não muda por causa disso. Nós é que lhe imprimimos uma narrativa possível, estimulada pelo nosso olhar. Por mais que nos deparemos em um ponto no horizonte, a narrativa resultante abarcará o todo da paisagem, pois toda ela vem aos nossos sentidos. Tudo é importante para o olhar/ leitura da paisagem/ de um livro.

Outra ideia interessante levantada pelo crítico é sobre o aspecto moral da leitura: gostamos mais de certas paisagens do que outras, ou, gostamos mais de certos livros do que outros. Para ampliar as suas analogias na sua mente e ser um leitor bem formado, é importante ler vários tipos de histórias e em gêneros literários diversos. “Não ler apenas do que gostamos”, recomenda o crítico. Para tanto, é necessário realizar o seu plano de leitura. Toda e qualquer leitura literária, preferencialmente as obras de autores já consagrados pelo tempo, “nos tornam melhores do que somos”. Não deveria haver, portanto, os chamados “autores intransponíveis”. Com disciplina adequada (e vencendo o abismo do cansaço, da preguiça e da incerteza), vamos alcançar os nossos objetivos.

O ensaísta francês Antoine Albalat (1856-1935), nos deixou várias lições sobre a leitura dos clássicos: “Acostumai-vos a compreender aquilo de que não gostais, para que venhais a gostar daquilo que não compreendíeis”²¹.

Já para a escritora francesa Simone Weil (1909-1943), o principal problema da leitura reside na atenção. No texto “Reflexões sobre o bom uso dos estudos escolares para o amor de Deus”, publicado no livro *Espera de Deus*²², diz-nos que a

²¹ Cf. ALBALAT, Antoine. *A Formação do Estilo pela Assimilação dos Autores*. Tradução de Cândido de Figueiredo. 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1950. 346 pp.

²² Cf. WEIL, Simone. *Espera de Deus*. 12. reimp. Porto: Assírio & Alvim, 2005. (Coleção Teofanias) 256 pp.

verdadeira finalidade dos nossos estudos não é propriamente adquirir conhecimento, mas o verdadeiro objetivo é formar, aprimorar a faculdade da atenção. Com ela, captamos melhor a beleza de um determinado autor, para captar a sua verdade: “O desejo da Verdade produzirá Verdade”²³. Se eu ler com a máxima atenção, então absorverei o máximo que o autor imprimiu em seu texto. Mas, também, é preciso que, durante a leitura, exista prazer, exista alegria.

A atenção é um esforço, diz o crítico, mas é um esforço negativo, pois ela não depende do cansaço, do esgotamento físico e mental. Se começar a se cansar, pare e depois recomeça com alegria: “30 minutos de atenção intensa valem mais do que 3 horas se chicoteando em se concentrar”.

Quando, anteriormente, falamos de disciplina adequada, estamos falando do tempo da leitura e não de uma pressão por ler. “A atenção é a forma mais rara e pura de generosidade”, segundo Weil. Quando lemos com atenção, estamos cedendo espaço para a Verdade do outro, o que, no caso da Literatura, é saber captar o enredo ou a experiência poética proposta pelo autor com todos os seus elementos ficcionais (personagens, narrador, tempo, espaço, etc.).

Assim, e retornando ao melhor modo de leitura para Rodrigo Gurgel, devemos ler com método, e ler com método significa tomar notas e ler devagar. Até Álvaro Lins (1912-1970), um de nossos melhores críticos literários, falou de um “sistema de leitura”²⁴. Para outro escritor, o italiano Ítalo Calvino (1923-1985), “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha de dizer”²⁵. Mesmo que queiramos ler todo o livro, nunca conseguiremos, especialmente se este for um clássico.

Por isso, para o escritor alemão Goethe (1749-1832), “Aprender a ler é a maneira mais difícil das artes. Dediquei-me por décadas a essa tarefa, e não posso

²³ Cf. WEIL, Simone. Idem.

²⁴ Cf. o artigo “Autor e leitor órfãos: a trajetória de Álvaro Lins e as consequências do fim da crítica de rodapé no Brasil”, por Giovana Chiquim (Universidade Estadual de Londrina), publicado em *Terra Roxa e Outras Terras*, Revista de Estudos Literários. Volume 16 (set. 2009), pp. 45-53. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/issue/view/1200>>. Acesso em: 09 set. 2018.

²⁵ Cf. CALVINO, Ítalo. *Por que Ler os Clássicos?* Tradução de Nilson Moulin. Edição de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 288 pp. Outros textos sobre a leitura dos clássicos são: SAINT-BEUVE, Charles Augustin. *What is a Classic?* (1909-14), BORGES, Jorge Luís. “Sobre los clásicos”. In: *Otras Inquisiciones* (1952), PAES, José Paulo. *A Arte de Viver Ensinada pelos Clássicos* (1961) e PAGOTTO-EUZEPIO, Marcos Sidnei. *Por que Ler os Clássicos?* (2014).

me dar por satisfeito”²⁶. A leitura deve ser vagarosa, refletida e total, mas essa totalidade, cada vez que se aproxima, nunca é alcançada, pois sempre haverá novas leituras... Que o digam Miguel de Cervantes e o seu *Dom Quixote*!

Quantas histórias podemos ler nessa grandiosa obra e quanto, com elas, podemos aprender ao longo das nossas vidas? É um arcaibouço infinito. Para Albalat, “A leitura repetida é a pedra filosofal do talento”²⁷. Nosso dever como leitores é buscar ler várias vezes, com disciplina, sem nos cansar. Se não o fizermos, segundo Gurgel, abaixo de nós sempre haverá o abismo do cansaço, da preguiça e da incerteza.

Agora estamos mais preparados para responder às perguntas que fizemos inicialmente: porque ler o *Dom Quixote* na Universidade? Como um aluno universitário pode chegar até a obra? A primeira pergunta já está quase respondida: trata-se de uma obra monumental, não só pelo seu conteúdo e forma, que são de uma riqueza infinita, mas porque ela contribui para a aprendizagem da língua espanhola, como o próprio Cervantes explicita na sua dedicatória ao Conde de Lemos na segunda parte da obra:

Y el que más ha mostrado desearle [el don Quijote] ha sido el grande emperador de la China, pues en lengua chinesca habrá un mes que me escribió una carta con un propio [con un mensajero privado], pidiéndome o por mejor decir suplicándome se le enviase, porque quería fundar un colegio donde se leyese [se enseñase] la lengua castellana y quería que el libro que se leyese fuese el de la historia de don Quijote. (CERVANTES, 2004, p. 547)

A diversidade de tipos e situações humanas é digna de leitura, assim como, a atualidade de certos temas que vêm de há milênios, como a Verdade, a Sinceridade, a Fidelidade, o Amor, as Armas e as Letras, etc. Ler o clássico espanhol ajuda o leitor a dar sentido ao que lhe afeta particularmente: é aí que a formação intelectual começa. Portanto, como professora universitária, defendo a leitura desse e de outros clássicos escritos em espanhol, pois é uma obrigação não só para com a formação do aluno, que deverá atuar como professor, isto é, orientar outras vidas humanas,

²⁶ Cf. GOETHE, Johann Wolfgang. *Escritos sobre Arte*. Tradução de Marco Aurélio Werle. 2. ed. São Paulo: Editora Humanitas; Editora da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. (Coleção A Formação da Estética, 1) 280 pp.

²⁷ Cf. ALBALAT, Antoine. *Idem*.

como para a sua própria personalidade, a sua própria vida. O que não é uma tarefa tão simples assim.

Como um aluno universitário pode chegar até a obra? Hoje em dia, há muitos recursos para se chegar à leitura de uma obra do porte do *Dom Quixote*. Achamos desnecessário iniciar diretamente com a leitura em espanhol, pois, no Brasil, há boas traduções e adaptações feitas por vários escritores, da Literatura Infantil à Literatura para jovens e adultos²⁸. E podemos chegar até ele também via obras artísticas inspiradas no *Dom Quixote*: artes plásticas (quadros a óleo), artes gráficas (desenhos, litografias, caricaturas, etc.), música clássica, balés e musicais diversos²⁹. No Brasil, especialmente, temos a prodigiosa Literatura de Cordel, que produziu várias adaptações não só do *Dom Quixote*, mas também de outros personagens conhecidos da cavalaria andante, como Carlos Magno e Orlando Furioso³⁰. Fora a crítica feita no Brasil em torno do personagem quixotesco, que também é vasta, e os vários filmes inspirados no ideal quixotesco³¹. Sempre há por onde começar, e não precisa ser gastando muito: a Internet está aí, disponível para todos na Universidade.

Uma ideia de começo seria que, em vez de selecionar logo o *Dom Quixote* como leitura literária, o aluno universitário brasileiro primeiro fizesse o seu plano de leitura, como mencionado anteriormente. Assim, ele se perguntaria: quais são as

²⁸ Citam-se algumas traduções e adaptações brasileiras: Sérgio Molina (Editora 34), Carlos Nougué e José Luis Sánchez (Editora Record), Eugênio Amado (Editora Villa Rica) e Ernani Ssó (Penguin e Companhia das Letras). Adaptações: *Dom Quixote das Crianças* (Monteiro Lobato, 1936), *Dom Quixote* (Ferreira Gullar, 2002), *Um Dom Quixote Brasileiro* (Dirceu Filho Z., 2005) e *Dom Quixote* (José Angeli, 2006).

²⁹ Alguns nomes: José Moreno Carbonero, Salvador Dalí, Pablo Picasso e Marcelus Bob (das artes plásticas); John Vanderbank, Célestin Nanteuil, Gustave Doré e Cândido Portinari (das artes gráficas); Henry Purcell, Richard Strauss, Jules Massenet, Manuel de Falla e Francisco Mignone (da música clássica); Marius Petipa e Alexander Gorsky (coreografia para balé) e Ludwig Minkus (música para balé).

³⁰ Segundo o antropólogo Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), *A História do Imperador Carlos Magno e os Doze Pares de França* (sem data e traduzida do espanhol por Jeronymo Moreira de Carvalho), foi o livro mais conhecido dos brasileiros no interior do país, principalmente tratando-se do meio rural, criações de gado, engenhos e plantações de cana-de-açúcar. Segundo Cascudo, “nenhum sertanejo ignorava as façanhas dos Pares ou a imponência do Imperador da barba florida” (Cf. o artigo “Informação sobre a História do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco Livros do Povo*: introdução ao estudo da novelística no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. (Coleção Documentos Brasileiros, 72) 449 pp. Outras adaptações da obra em cordel: *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás e a Prisão de Oliveiros e Seus Companheiros* (Leandro Gomes de Barros, 1913), *A Grande Paixão de Carlos Magno pela Princesa do Anel Encantado* (José Severino, 1977) e *Carlos Magno em Cantoria* (Geraldo Amâncio e José Fernandes, sem data).

³¹ Alguns nomes de críticos brasileiros: Brito Broca, San Tiago Dantas, Agripino Grieco, Viana Moog, Josué Montello, João Alexandre Barbosa e Maria Augusta da Costa Vieira.

obras que eu deveria ler para me tornar um bom professor de espanhol no ensino regular ou livre? De quais autores? Seriam obras adaptadas em português ou em espanhol? Em quanto tempo eu poderia ler as obras originais depois das adaptadas? Facilitaria muito nessa tarefa o estabelecimento de alguns critérios, como: “Dez poemas do Século de Ouro”, “Dez contos hispano-americanos”, “Principais romances hispano-americanos do século XX” e assim por diante. Após fazer suas listas com critérios, o aluno se perguntaria: qual é o lugar dessas obras escolhidas por mim no panorama da literatura hispânica? Com esse trabalho inicial, o aluno se tornaria mais autônomo e participe de sua própria formação, sem depender, somente, das indicações dadas por seus professores.

O filólogo espanhol e acadêmico da língua espanhola Francisco Rico, no texto “Fragmentos y vínculos”³², situa a leitura literária pós-livro, isto é, na época atual, em que todos nós (professores e alunos) já viemos formando nossa leitura no meio digital. Não fomos educados nem na época em que os livros eram lidos em voz alta por um ou mais leitores para um público maior (como as epopeias gregas e as canções de gesta, a *Ilíada* e a *Odisseia*, o *Amadís de Gaula*, o *Dom Quixote*, grande parte da poesia e todo o teatro na época em que viveu Cervantes), e nem na época em que o livro físico era prioridade na Educação:

Importa no perder de vista ni por un minuto que para la mayoría de las gentes la forma más frecuente y por ahí más natural de leer no es ya en las páginas del libro, sino en la pantalla del ordenador. Decir *ordenador* no es tanto decir textos y programas informáticos cuanto decir la WWW, Internet. La existencia y la frecuentación de la red no es que estén cambiando, es que han cambiado ya los modos de percepción y conocimiento que hasta fechas recientes era por excelencia patrimonio del libro. (RICO, 2010, p. 22)

Por isso, ele considera que exigir dos alunos a leitura cabal de uma obra literária (sobretudo as mais longas) não só se mostra inútil, como contraproducente. Por um simples fato: os nossos alunos de hoje (que já vêm com muita dificuldade de leitura na própria língua pátria) não estão preparados para ler obras desse porte e, se se forçar essa leitura, eles poderão ficar para sempre longe de ler algum clássico em língua espanhola ou mesmo se interessar por ela. Formado no meio digital,

³² Cf. o artigo “Fragmentos y vínculos”, por Francisco Rico (Real Academia Espanhola), publicado na revista *Trama & Texturas*, número 13, pp. 21-7, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/259081>>. Acesso em: 12 set. 2018.

tendo novos hábitos mentais, esse aluno terá de encontrar, no ensino da Literatura, práticas similares às que ele já encontra na Internet: “(...) parece razonable que la enseñanza de la literatura adopte y adapte caminos similares y procedimientos homólogos” (RICO, 2010, p. 24)

É claro que nós, professores, e a esta altura da massificação da Educação, já utilizamos todo tipo de recurso da Internet: sites de consulta, salas virtuais, blogs, redes sociais, sejam aqueles mais acadêmicos e institucionais, sejam aqueles mantidos por escolas e instituições diversas, até os mantidos por professores e alunos de modo autônomo. O mundo virtual ampliou-se muito na nossa época, e não nos é mais permitido deixar de fazer uso de toda essa tecnologia a nosso favor, sobretudo em locais onde o acesso a recursos e materiais didáticos é deficiente. Mesmo os custos para se manter uma biblioteca universitária são altos e demora-se muito tempo para ter as obras adquiridas. Em suma: o nosso aluno deverá continuar lendo e pesquisando na Internet se quiser ter uma boa introdução à literatura hispânica. No que se refere ao ensino, os professores não só temos de continuar adotando a Internet como fonte de recursos didáticos, mas adaptar a metodologia de ensino aos próprios hábitos de leitura surgidos na era da informática.

Para Rico (2010), existem dois hábitos de leitura (ou hábitos mentais) que podem ser desenvolvidos nas salas de aula de hoje: a fragmentação e o vínculo textual. A fragmentação textual corresponderia ao que tradicionalmente foi feito pela antologia em épocas passadas. Ao termos em mãos uma boa antologia (física ou virtual), o aluno teria acesso a uma visão panorâmica de temas, autores e obras cujos fragmentos dariam margem a inúmeras atividades ou *interatividades* a serem realizadas pelo próprio aluno em sala de aula ou fora dela. O vínculo textual, que na Internet é realizada por meio de *links*, seria a atualização de uma prática já realizada no passado: nossa memória sempre operou por meio de vínculos, isto é, por meio do estabelecimento de relações entre um texto e outro. Os próprios fragmentos da antologia nos convidariam a relacionar um texto com outro que não está presente na antologia, inclusive se este texto for de outra área do conhecimento, como a História, as Artes, as Humanidades, etc. Mas, nesse momento em que o aluno está apenas começando sua incursão pelo mundo da literatura produzida em língua espanhola, e pela minha experiência em sala de aula e em projetos de ensino e de extensão, além dos vínculos intelectivos, o que mais importam são os próprios vínculos

afetivos dos alunos. Se lemos a Literatura para viver, como pregoava Gustav Flaubert, convém nos perguntar: quais seriam os vínculos que realmente deveriam importar para esse aluno, futuro professor? Ele conseguiria fazer com que a leitura de uma obra literária interessasse verdadeiramente a ele, tornando esse vínculo duradouro e positivo em sua vida pessoal e profissional? Para Rico, “los vínculos de veras importantes, los que convierten la literatura en una posesión duradera y adictiva, son los que enlazan los textos con la vida de cada cual, los que la integran en esa vida” (RICO, 2010, pp. 26-7).

Os valores fundamentais da Literatura não são valores literários, mas pessoais, e isso se corrobora ao lermos um clássico da Literatura como o *Dom Quixote*. Não se descartam, é claro, os valores literários de uma obra de arte literária, mas não se deve partir desses valores literários para chegar aos valores pessoais subjacentes a cada obra. O trabalho de leitura (mesmo no ensino universitário) deveria ser nesse sentido: da discussão do valor intrínseco da obra à sua apreciação artística. Somente assim poderia ser feito um trabalho significativo e que deixaria marcas verdadeiramente humanas no leitor iniciante. Assim, esse leitor faria de seu próprio plano de leitura uma caminhada sem fim, se ele realmente gostar de ler Literatura em língua estrangeira com todos os seus desafios linguísticos, histórico-culturais e estéticos que terá por diante. O escritor argentino Jorge Luís Borges (1899-1986), o eterno defensor da leitura, já dizia que “nunca se termina de aprender a ler”³³.

E mais, a melhor Literatura a ser lida não é aquela considerada “a mais difícil”, a mais hermética, mas aquela que requer um leitor com formação básica, de modo que possa ser apreciada por qualquer pessoa. As grandes obras de Arte foram feitas justamente para o grande público e não para alcançar alguns poucos “iluminados” que precisariam de um adestramento especializado para chegar até elas. Todas as obras artísticas que permanecem no tempo são fundamentais, porque são simples. O *Dom Quixote* é uma delas.

Mas o que se tem hoje em todo lugar, para citar o crítico literário búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), são maiormente três tendências que dominam a Literatura e a crítica jornalística na França no início do século XXI e que vêm

³³ Cf. BORGES, Jorge Luís. *Cinco Visões Pessoais*. Tradução de Maria Rosinda R. da Silva. 4. ed. Brasília, DF: Editora da UNB, 2002. 74 pp.

ocultando a Verdade literária: o formalismo, o niilismo e o solipsismo³⁴. O formalismo seria reduzir a Literatura a uma “construção engenhosa” do texto, aos “processos mecânicos” e aos “ecos e os pequenos sinais cúmplices”.³⁵ O niilismo seria fazer da Literatura uma representação idealista do mundo perverso em que vivemos, negando a representação do mundo real:

Não se pode mais, nesse caso, afirmar que a literatura não descreve o mundo: mais do que uma negação da representação, ela se torna a representação de uma negação. (TODOROV, 2009, p. 42)

Por último, teríamos o solipsismo, em que o autor se colocaria em primeiro plano, assumindo

[...] uma atitude complacente e narcísica que leva o autor a descrever detalhadamente suas menores emoções, suas mais insignificantes experiências sexuais, suas reminiscências mais fúteis: quanto mais repugnante, mais fascinante é o mundo! (TODOROV, 2009, p. 43)

São três tendências que, em vez de atrair, afasta os leitores da Literatura e da sua verdadeira função, que é a de humanizar as pessoas consigo mesmas e com o mundo onde vivem. Assim como o *Dom Quixote* foi feito para todo mundo rir (e o faz há quatro séculos sem pedir absolutamente nada ao leitor), a leitura de Literatura também deveria ser uma vivência lúdica, esportiva, como se, com ela, estivéssemos indo para um parque de diversões e como se a nossa curiosidade estivesse sendo aguçada por algum evento corriqueiro, tal como o fez Juana de Ibarbourou (1892-1979) no conto infantil “La mancha de humedad” ao testemunhar suas memórias³⁶.

Lida assim, penso que a Literatura em espanhol pode ter um papel educativo muito mais desafiador e duradouro em nosso tempo, num momento em que o analfabetismo funcional invade os bancos escolares e até os universitários, e em que tudo parece estar indo para o fundo do poço em se tratando de ensino de espanhol no Brasil. Se o professor apresentar o que realmente lê e conhece, como

³⁴ Cf. TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro, DIFEL, 2009. 96 pp.

³⁵ Idem, p. 42. Nessa tendência, o texto basta-se a si mesmo. O que importa é mais a linguagem do que a representação da realidade.

³⁶ Poetisa e escritora uruguaia que notabilizou-se em língua espanhola por suas coleções de poemas. Foi eleita como membro da Academia de Letras do Uruguai em 1947, e em 1959 foi-lhe concedido o Prêmio Nacional de Literatura. Escreveu suas memórias de infância em *Chico Carlo* (1944), do qual faz parte “La mancha de humedad”.

testemunha individual e como valor pessoal, isto é, como uso para a sua própria vida, seus alunos mais dedicados irão verdadeiramente acompanhá-lo nessa leitura, como se estivessem, juntos, saindo para um belo dia de passeio.

Nossa proposta didática: Miguel de Cervantes e Orígenes Lessa

Vamos à nossa proposta didática, destinada a aprendizes de espanhol como língua estrangeira que cursam disciplinas de literatura estrangeira no Curso de Humanidades da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da UFVJM. Antes de levá-la à sala de aula, o professor deverá ter refletido sobre a importância do *Dom Quixote* na Literatura e na Cultura. Em que medida ele tem condições de falar aos alunos do significado geral da obra para a Humanidade? Há inúmeros ensaios³⁷ e obras artísticas que abordam esse significado. Primeiro, o professor terá de se munir dessas referências para iniciar o seu trabalho. Após essa reflexão, o professor deverá ter ciência de qual é o lugar do *Dom Quixote* no panorama da literatura hispânica: época histórico-cultural, país de publicação, natureza do livro quixotesco (a quem se destinava e como era lido), repercussão e condição de ser livro referência para a literatura espanhola e a hispano-americana, além de outras, como a brasileira, que tem inúmeras obras inspiradas no *Dom Quixote*³⁸. Por fim, o ideal é que o professor tenha lido a obra em espanhol e em edições autorizadas, como a da Real Academia Espanhola, dirigida por Francisco Rico³⁹. Não se pode ir à sala de aula da Universidade sem haver lido, pelo menos, alguns capítulos da obra original e em edições repletas de notas de rodapé e de textos complementares que ampliam o horizonte de consciência e de percepção artística do professor. Feitas essas leituras prévias, o professor poderá apresentar a tradução e a adaptação da obra feita por Orígenes Lessa para a Coleção Clássicos da Literatura Juvenil Recontado por Orígenes Lessa da Abril Cultural em 1972, que foi posteriormente publicada na Coleção Clássicos da Literatura Juvenil da Editora Ediouro em 2005.

³⁷ Como o do filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), que escreveu *Meditaciones del Quijote* (1914), sua primeira obra filosófica, porém inacabada.

³⁸ Em autores tão diversos quanto Machado de Assis, Lima Barreto, Monteiro Lobato, José Lins do Rego, Ariano Suassuna e Ferreira Gullar, entre outros.

³⁹ Nas comemorações do IV Centenário da Morte de Miguel de Cervantes (2016), a Real Academia Espanhola publicou, entre 2014 e 2015, três edições do *Dom Quixote* e outras obras. Cf. a Coleção Biblioteca Clássica da RAE, dirigida pelo acadêmico Francisco Rico: <http://www.rae.es/sites/default/files/Catalogo_BCRAE.pdf>. Acesso em: 17 set. 2018.

Ao iniciar sua exposição em sala de aula, o professor deverá transmitir aos seus alunos um resumo do estudo prévio e apresentar, em forma de slides e vídeos, o significado geral da obra. E, quando for apresentar a proposta didática, deverá iniciar pelo autor da tradução e adaptação: Orígenes Lessa. Quem foi esse autor e qual o seu lugar na literatura brasileira? Além disso, deverá indicar que ele foi um romancista que ganhou vários prêmios e foi membro da Academia Brasileira de Letras⁴⁰. Outras informações relevantes poderão ser elencadas nessa apresentação a critério do professor.

Outros questionamentos posteriores são: como o escritor fez a sua tradução e adaptação? O que ela tem de novo? Ao ler a obra, percebemos que o livro em si é muito atraente: ele possui uma linguagem simples e direta, os capítulos são breves sem deixar de mostrar ao leitor juvenil o significado geral da obra original. Fazem-se referências a alguns episódios que estão perfeitamente conectados na obra adaptada. Os títulos dos capítulos são simples também, estando de acordo com a linguagem empregada na obra: “Um homem sonha”, “A caminho da glória e do amor”, “Dom Quixote faz-se armar cavaleiro”, “A primeira aventura”, “Encontro com os mercadores”, “Era uma vez uma biblioteca...”, etc., o que torna a leitura mais livre e por isso mais poética, sem as explicações que por vezes aparecem na introdução dos capítulos da obra original. Há também várias menções a cavaleiros e personagens da Literatura, como Cid, Amadis de Gaula, Bucéfalo, o cavalo de Alexandre, Galor, Valdovinos, Marquês de Mântua e Carloto, Dom Rodrigo de Narvais e Abindarraís, a sábia Urganda, o gigante Caracuciambro, Palmeirim de Inglaterra, Roldão, Reinaldo de Montalvão, o sábio Frestão, Ferrabrás, o imperador Alifanfarrão, Pentapolim do Braço Nu, Laurcalco, Micocolembro, etc., em que a Idade de Ouro da cavalaria andante fica bem representada em oposição à Idade de Ferro vivida por Dom Quixote. Todos esses nomes têm referências na Literatura oral e escrita porque, naquela época, o público ouvinte da obra (já que ela era mais ouvida do que lida) tinha alguma noção do que eram esses personagens, pois alguns romances antigos ainda eram recitados e até cantados, como o Romance do

⁴⁰ Prêmios: Antônio de Alcântara Machado (1939), pelo romance *O Feijão e o Sonho*; Carmem Dolores Barbosa (1955), pelo romance *Rua do Sol*; Fernando Chinaglia (1968), pelo romance *A Noite Sem Homem*; Luísa Cláudio de Sousa (1972), pelo romance *O Evangelho de Lázaro*. Membro da Academia Brasileira de Letras entre 1981 e 1986.

Marquês de Mântua⁴¹ que foi parafraseado por Cervantes no capítulo 5 da primeira parte e brevemente aludido por Orígenes Lessa no capítulo “Encontro com os mercadores”, em que se resume uma das aventuras quixotescas, quando Dom Quixote arremete com sua lança contra um dos mercadores de Toledo que iam a Múrcia comprar seda:

Caído no chão, sem poder mover-se, Dom Quixote lembrou-se de outros cavaleiros do romance ou da história que haviam passado por agruras semelhantes. Lembrou-se de Valdovinos e do marquês de Mântua, quando este caiu ferido por Carloto. E começou a recitar em voz alta as palavras do marquês. Nisso, passou por ele um lavrador das vizinhanças, no momento em que o fidalgo recitava:

*Ó nobre marquês de Mântua,
Meu tio e senhor carnal.*⁴²

Texto em espanhol do capítulo 5, parte I:

Viendo, pues, que, en efecto, no podía menearse, acordó de acogerse a su ordinario remedio, que era pensar en algún paso de sus libros, y trújole su locura a la memoria aquel de Valdovinos y del marqués de Mantua, cuando Carloto le dejó herido en la montiña, historia sabida de los niños, no ignorada de los mozos, celebrada y aun creída de los viejos, y, con todo esto, no más verdadera que los milagros de Mahoma. Ésta, pues, le pareció a él que le venía de molde para el paso en que se hallaba, y así, con muestras de grande sentimiento, se comenzó a volcar por la tierra y a decir con debilitado aliento lo mismo que dicen decía el herido caballero del bosque:

*- ¿Dónde estás, señora mía,
que no te duele mi mal?
O no lo sabes, señora,
o eres falsa y desleal.*

Y de esta manera fue prosiguiendo el romance, hasta aquellos versos que dicen:

*- ¡Oh noble marqués de Mantua,
mi tío y señor carnal!*

Y quiso la suerte que, cuando llegó a este verso, acertó a pasar por allí un labrador de su mismo lugar y vecino suyo, que venía de llevar una carga de trigo al molino; el cual, viendo aquel hombre allí tendido, se llegó a él y le preguntó que quién era y qué mal sentía, que tan tristemente se quejaba. Don Quijote creyó sin duda que aquél era el marqués de Mantua, su tío, y,

⁴¹ Cf. a canção “Romance del Marqués de Mantua” (Anônimo), do CD *Música en el Quijote*, do grupo espanhol *Orphénica Lyra* dirigido por José Miguel Moreno. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=On7f1kT-XwA>>. Acesso em: 17 set. 2018.

⁴² LESSA, Orígenes. *Dom Quixote*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005 (Clássicos da Literatura Juvenil), p. 21.

así, no le respondió otra cosa sino fue proseguir en su romance, donde le daba cuenta de su desgracia y de los amores del hijo del Emperante con su esposa, todo de la misma manera que el romance lo canta.⁴³

Assim, recomenda-se que, embora o professor selecione alguns capítulos da obra de Lessa para aproximar o aluno à obra de Cervantes, esse aluno deve ler de modo integral a adaptação, pois só assim poderá acompanhar a sequência imaginada pelo escritor brasileiro. Logo após, em sala, o professor fará a sua seleção e a abordará com o texto em espanhol, mesmo que o aluno ainda não saiba ler nessa língua. Então, questiona-se: como abordar o texto em espanhol para os alunos do Curso de Humanidades que não tiveram disciplinas de língua espanhola e que sequer estão aptos a iniciar a leitura? O primeiro contato com a obra em espanhol deveria ser auditivo, pois, na atualidade, os pesquisadores da área de ensino de línguas estrangeiras colocam a compreensão auditiva como uma habilidade fundamental para a aquisição da língua estrangeira:

Efectivamente, por mucho tiempo los diferentes académicos e investigadores no consideraron que la destreza auditiva tuviera sus propias y en muchos casos, características particulares, propósitos y funciones.⁴⁴

Hoje, não temos uma única definição do que seja a compreensão auditiva, por causa de seus múltiplos enfoques, e por causa, também, da inserção da leitura literária em disciplinas como Espanhol Instrumental nos Cursos de Bacharelado em Humanidades. No artigo “La comprensión auditiva [...]”, as autoras apresentam duas definições completamente diferentes uma da outra. Em uma delas, a compreensão auditiva dá mais importância aos aspectos fonológicos, lexicais e estruturais do idioma e não tanto ao seu componente sociocultural⁴⁵. Na outra, ocorre justamente o contrário: quem envia e quem recebe a mensagem do texto têm importância. O receptor deve receber a mensagem com a finalidade de representar seu significado, mas, antes, deve negociar esse significado com o emissor para, finalmente,

⁴³ CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario. Madrid: Alfaguara, 2004, pp. 55-6.

⁴⁴ Cf. o artigo “La comprensión auditiva: definición, importancia, características, procesos, materiales y actividades”, publicado pela *Revista Electrónica Actualidades Investigativas en Educación*, do Instituto de Investigación en Educación da Facultad de Educación da Universidad de Costa Rica, volumen 5, número 1, año 2005, pp. 1-17. Autoras: Patricia Córdoba Cubillo, Rossina Coto Keith e Marlene Ramírez Salas. Disponível em: <<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/aie/article/view/9123>>. Acesso em: 18 set. 2018.

⁴⁵ Cf. CÓRDOBA; COTO; RAMÍREZ (2005), p. 2.

representá-lo em sua mente. O processo é complexo e demanda, do receptor, participação, imaginação e empatia com a obra lida⁴⁶. Então, podemos pensar: do que depende, em primeiro lugar, a aquisição da língua estrangeira? Da empatia com a língua, isto é, vontade de aprender essa língua em todas as suas variantes linguísticas, textuais e socioculturais, do esforço imaginativo e da participação nas atividades propostas pelo professor. Nesse início, espera-se que o aluno ouça com atenção e interesse a obra lida em voz alta e em espanhol pelo professor, sem que tenha a obrigação de entendê-la em todos os seus aspectos. Após, o professor poderá ler novamente o texto escolhido para acomodação do ouvido do aluno a cada palavra do texto e lhe fazer alguns questionamentos gerais, de modo a contar com a própria intuição do aluno a respeito do que compreendeu da obra lida em voz alta. É importante que, mesmo sem conhecer a língua espanhola, ele também diga suas primeiras impressões. No entanto, há ainda uma terceira definição, desta vez defendida pelas autoras em seu artigo: a de que a compreensão auditiva não é uma habilidade, mas uma série de habilidades marcadas pela percepção auditiva de sinais orais, isto é, de quem emite a mensagem⁴⁷. Assim, compreende-se que o aluno deverá não só seguir o que ouve com o texto em mãos, mas também seguir o modo como se emite a mensagem, vale dizer, a voz do próprio professor que reproduz um texto que, na sua origem, foi escrito para ser lido em voz alta para o grande público, seja este alfabetizado ou não⁴⁸. Essa percepção é uma educação do ouvido que serve não só para ouvir e ler, mas para falar e escrever na língua-alvo quando esse aluno for introduzido às disciplinas de língua espanhola. Isto é, quanto mais se ouve em língua estrangeira, mais o aluno estará apto a ler, falar e escrever nela, e o *Dom Quixote*, como uma verdadeira conversa que se dá entre bons

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Idem, p. 3.

⁴⁸ Cf. FRENK A., Margit. Artigo “Lectores y oidores: la difusión oral de la literatura en el Siglo de Oro”, publicado em Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. Sobre a inserção da Literatura oral nas obras literárias do Século de Ouro, diz a autora: “(...) cuentos folclóricos incorporados a los nuevos relatos, romances viejos utilizados en obras teatrales y germen de un nuevo romancero, cancioncillas que alimentaron de varias maneras a la poesía cantada” (p. 49). Outros autores do Século de Ouro escreveram na forma oral da língua: Francisco Delicado (1480-1535), Mateo Alemán (1547-1614), Lope de Vega (1562-1635), Suárez de Figueroa (1571-1644), Francisco de Quevedo (1580-1645), etc. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/lectores-y-oidores-la-difusin-oral-de-la-literatura-en-el-siglo-de-oro-0/>>. Acesso em: 18 set. 2018.

amigos⁴⁹, deveria ser lido em sala de aula tendo-se ciência dessa prática que já acontecia na época de Cervantes. Daí que as inúmeras referências literárias e socioculturais da obra não foram incorporadas nela por acaso: estão lá para fazer o leitor se interessar pela conversa que se trava entre os vários personagens de diferentes linhagens e tipos e que vêm com problemas e sentimentos diversos, além de oferecer, a ele, belas histórias com as quais pode rir e chorar, aprender de várias áreas do conhecimento e se elevar espiritualmente. Eis de onde parte conceitualmente a nossa proposta didática.

Em um segundo momento e conforme o interesse do professor, este poderá sugerir aos seus alunos atividades para complementar a leitura em voz alta em diversos níveis: de palavras, frases e textos a referências histórico-culturais. A quantidade de livros e manuais didáticos existentes no mercado editorial e na Internet nos oferece inumeráveis possibilidades presenciais e semipresenciais para as colocarmos em prática. Basta ao professor avaliar bem o tipo de aluno de que dispõe, o objetivo daquela atividade e o que mais lhe agrada naquela atividade. O professor poderá fazer também uso de obras artísticas inspiradas nesses episódios, que, conforme já dissemos, são várias e as há de todas as épocas, modos e lugares, do popular ao clássico e contemporâneo.

O terceiro e último momento, não menos importante, seria professor e alunos fazerem suas considerações finais a respeito da leitura do *Dom Quixote* a partir da obra adaptada de Orígenes Lessa: valeu a pena? Consegui acompanhar a leitura em espanhol? Quero continuar lendo outras obras literárias em espanhol? Entendi a importância de se ler um clássico na Universidade? Enfim, seriam questionamentos imprescindíveis para que os alunos consigam dar sentido às primeiras disciplinas de literatura estrangeira em um Curso de Humanidades que não tem como objetivo formar professores de espanhol. Mostrar o professor como verdadeiro leitor e introduzir as obras literárias (sobretudo as clássicas), como realmente foram concebidas, poderá dar a ele e a seus alunos um novo rumo do ensino de Literatura em espanhol na nossa Universidade cada vez mais carente de Alta Cultura e de comprometimento de ambos com a Educação.

⁴⁹ Cf. RICO, Francisco. Entrevista Francisco Rico: “Empiezo a ser más ficticio que real”, publicada no jornal *La Razón* (Espanha), caderno Cultura, Madri, 13 de abril de 2015. Disponível em: <<https://www.larazon.es/cultura/francisco-rico-empiezo-a-ser-mas-ficticio-que-real-DC9433005>>. Acesso em: 18 sep. 2018.

Finalmente, não se quer aludir, aqui, ao termo “clássico” como sendo algo pejorativo, principalmente em relação à literatura hispânica que, sob vários aspectos, mostra-se rica, variada e multicultural. O que se defende é simplesmente a leitura das obras consideradas atemporais e que iluminaram todo um imaginário hispânico onde o idioma espanhol, em suas variantes linguísticas e histórico-culturais, se fez presente, porque foram justamente essas obras que propiciaram a existência desse arcabouço cultural multivariado e de um espanhol também dessa natureza. Não se coloca, portanto, a visão de uma pretensa disputa entre “Espanha” e “América Latina”, muitas vezes difundida em materiais didáticos, nos *mass media* e até no ensino médio e superior. Somos absolutamente contra isso, pois essa bipartição acaba solapando a História em favor dos interesses de uma minoria que pretende se impor a uma maioria, como advertimos no início deste texto.

Os países e os territórios da chamada hispanofonia são inúmeros e não param de crescer, haja vista o crescente interesse pelo estudo da língua em vários contextos, do infantil ao adulto. A hispanofonia, tal como hoje é entendida, não depende mais de fronteiras políticas e linguísticas, mas de onde o ensino para pessoas em situação de L2 se faz presente, mesmo que em nível inicial. Um grupo de alunos universitários que cursam Espanhol Instrumental na região do Vale do Jequitinhonha, por exemplo, e que jamais estudou o idioma em sua vida escolar, já é um grupo de hispanófonos e eles precisam ser considerados assim. Nesse sentido, estamos de acordo com a posição de que o espanhol no Brasil deve ser respeitado sem haver imposição de qualquer natureza (principalmente a linguística), pois são maiormente os brasileiros os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: tanto os alunos quanto o professor possuem identidade pessoal e coletiva⁵⁰. Segue a autora afirmando que:

A cultura não é um fenômeno artístico ou um episódio histórico, mas a forma de ser de uma comunidade que se revela nas crenças, nos valores, nas regras sociais, na organização familiar e escolar, nas tradições folclóricas, nos rituais etc., o que por sua vez se revela na linguagem verbal e gestual. Enfocando assim, a cultura permitiria a formação de cidadãos brasileiros contextualizados, derrubando diversos preconceitos que ainda perpassam as relações nacionais e internacionais do mundo hispânico,

⁵⁰ Cf. VILLALBA, Terumi Koto Bonnet. Artigo “O ensino de espanhol no Brasil: revisitando o tema da política linguística”, publicado em FERREIRA, Cláudia Cristina; ORTIGOZA, Arelis Felipe; ZORZO-VELOSO, Valdirene F. *El Español en Mira: enlaces lingüísticos, literarios y metodológicos*. Londrina: UEL, 2013. pp. 13-26.

inclusive, a crença de que o espanhol peninsular é modelar e que algumas variantes hispano-americanas são “feias”. (VILLALBA, 2013, pp. 23-4)

O *Dom Quixote* certamente é uma das maiores influências hispânicas na sala de aula brasileira, mesmo que não seja lido na versão original e, na era da educação para as massas, onde o público é imensamente amplo e variado, penso que ele deveria ser lido com mais interesse por esses alunos, pois, mais do que a cultura, a história e o próprio idioma da obra, o que mais importa para mim como professora é a mensagem que essas obras propagam e o que podem fazer por seus leitores, isto é, seu conteúdo é o mais importante. Daí o motivo da pergunta que embasa todas as demais: o que é um clássico da Literatura, por que e como lê-lo? Vejo que a maioria dos alunos, de toda classe social, embora tenha uma oportunidade ímpar na Universidade de hoje, mesmo com as suas dificuldades administrativas e financeiras, está perdendo, a meu ver, a faculdade da leitura e do interesse por ela. Há muita teorização e pouca prática. E o *Dom Quixote*, feito por um grande escritor no calor da hora e enfrentando situações ainda mais difíceis do que as nossas, deveria ser mais valorizado tanto por sua mensagem quanto pelo que ela vem gerando, ao longo da história da Literatura, a toda a Humanidade. Está-se perdendo o horizonte de consciência do que é ler Literatura oral e escrita, do que é ler um clássico e do que é aprender um idioma com o exemplo dos grandes escritores, segundo Antoine Albalat. Uma leitura feita assim, *à moda brasileira*, como querem os nossos doutos críticos da área de Letras, só pode fazer bem a quem queira se aproximar do clássico espanhol, sem haver quaisquer requisitos educacionais, preconceitos, travas ou imposições, pois o *Dom Quixote*, na mente de Cervantes (e na de Orígenes Lessa), foi escrito para ser ouvido e lido por todos de forma livre e aberta, como se estivessem, eles, reunidos em qualquer lugar do nosso *vasto mundo* (para citar Carlos Drummond de Andrade) para iniciarem uma boa conversa.

Conclusão

A principal conclusão que tiramos de nossas reflexões é de que pode haver, sim, uma verdadeira introdução à leitura de Literatura na Universidade brasileira de qualquer estado e região, e o exemplo dado neste artigo foi o *Dom Quixote*. Outras obras da literatura hispânica poderiam servir de exemplo, mas citamos o *Dom*

Quixote por ser parte de recente pesquisa pós-doutoral desta autora sobre a “Música no *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes”, realizada sob a recepção acadêmica do Prof. Dr. Ricardo da Costa no Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Meu trabalho como docente do Curso de Letras-Português e Espanhol que leciona disciplinas da área de espanhol no Curso de Humanidades da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades da UFVJM tem-se dado nesse sentido, de propiciar a leitura literária desde as primeiras disciplinas em que o espanhol é objeto de audição e leitura. A dificuldade existe para a maioria dos alunos, mas, com o trabalho metódico, orientado e paciente, é possível fazer com que a maioria acompanhe o trabalho e se interesse, ao final da disciplina, por cursar a Licenciatura em Letras – Português e Espanhol da FIH. Fui testemunha disso em vários momentos, pois orientei alguns alunos do BHu que participaram de projetos de ensino e de extensão na área de espanhol criados por mim tanto em Diamantina como em suas cidades de origem. Penso ainda que o nosso maior desafio na área de espanhol na UFVJM não é tanto exigir das escolas e demais instituições que insiram o idioma em suas grades curriculares de ensino regular ou livre, mas de, primeiro, fazer com que se faça um trabalho de ampla divulgação do idioma e de amplo acesso a ele em projetos e cursos com diversos fins, sem que isso signifique, para ambas as partes, demasiado uso de recurso estrutural e financeiro tanto da Universidade de origem como da escola ou instituição de ensino em que se fará o trabalho. No meu caso, tomei essa iniciativa e ela mostrou que dá certo, inclusive em escolas estaduais, que abraçaram a causa sem ter de passar por outros órgãos oficiais. A inserção do ensino do idioma deve se dar de modo simples e gradual, para que a própria sociedade veja os benefícios do ensino do idioma e o quão ele faz bem para os seus alunos.

Como disse Cecília Meireles, as boas relações entre as nações só são salutareas se forem simples, sem falsas aparências e sem se ocultarem os reais interesses envolvidos. O ensino de uma língua estrangeira deve ser assim também: direto, simples e sem obedecer a uma agenda política ou educacional, para que ela realmente possa fazer parte da própria personalidade do aluno, como pensava Goethe: “O homem só tem uma força, e essa força chama-se personalidade”, e isso

se conquista, principalmente, pelo correto e amplo acesso aos grandes clássicos da Literatura.

Referências

ADLER, Mortimer J. *Aristóteles para Todos: uma introdução simples a um pensamento complexo*. Tradução de Pedro-Sette Câmara. 1. reimp. São Paulo: É Realizações, 2014. (Coleção Educação Clássica) 208 pp.

ALBALAT, Antoine. *A Formação do Estilo pela Assimilação dos Autores*. Tradução de Cândido de Figueiredo. 6. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1950. 346 p.

BORGES, Jorge Luís. *Cinco Visões Pessoais*. Tradução de Maria Rosinda R. da Silva. 4. ed. Brasília, DF: Editora da UNB, 2002. 74 pp.

BRANDÃO, Laio. *Analfabetismo e histeria: por que o brasileiro não consegue dialogar?* Rosenstock-Huessy explica. Disponível em: <<https://docs.google.com/document/d/1th4bRNzHpgLMQvj8af2kGiPaUIVWYX5-8PuHH0NEU6o/edit>>. Acesso em: 19 set. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília, DF: 2006. (Orientações Curriculares para o Ensino Médio, volume 1) 239 pp. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 04 set. 2018.

_____. Ministério da Educação. REUNI-Reestruturação e Expansão das Universidades Federais: diretrizes gerais. Brasília, DF: 2007: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/diretrizesreuni.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2018.

CALVINO, Ítalo. *Por que Ler os Clássicos?* Tradução de Nilson Moulin. Edição de Bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 288 pp.

CARVALHO, Olavo de. O nome da coisa. *O Globo*, Rio de Janeiro, 28, fevereiro, 2004. Disponível em: <<http://www.olavodecarvalho.org/o-nome-da-coisa/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

CARVALHO NETO, Luiz Gonzaga de. *A importância da literatura*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jEoYC9XNTuo>>. Acesso em: 09 set. 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco Livros do Povo: introdução ao estudo da novelística no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. (Coleção Documentos Brasileiros, 72) 449 pp.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del IV Centenario. Madrid: Alfaguara, 2004. 1249 pp.

CHIQUIM, Giovana. Autor e leitor órfãos: a trajetória de Álvaro Lins e as consequências do fim da crítica de rodapé no Brasil. *Terra Roxa e Outras Terras*, Londrina, v. 16, pp. 45-53, set. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/issue/view/1200>>. Acesso em: 09 set. 2018.

CÓRDOBA C., Patricia; COTO K., Rossina; RAMÍREZ S. Marlene. La comprensión auditiva: definición, importancia, características, procesos, materiales y actividades, *Revista Electrónica Actualidades Investigativas en Educación*, El Salvador, v. 5, n. 1, pp. 1-17, 2005. Disponível em: <<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/aie/article/view/9123>>. Acesso em: 18 set. 2018.

FALCÓN, Rafael. *O dever de educar-se*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NmZuxxW0h2g>>. Acesso em: 01 set. 2018.

FRENK A., Margit. Lectores y oidores: la difusión oral de la literatura en el Siglo de Oro. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra/lectores-y-oidores-la-difusin-oral-de-la-literatura-en-el-siglo-de-oro-0/>>. Acesso em: 18 set. 2018.

GOETHE, Johann Wolfgang. *Escritos sobre Arte*. Tradução de Marco Aurélio Werle. 2. ed. São Paulo: Editora Humanitas; Editora da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008. (Coleção A Formação da Estética, 1) 280 pp.

GURGEL, Rodrigo. *Como ler*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uHOPP2FvZZ4>>. Acesso em: 09 set. 2018.

HUGO DE SÃO VITOR. *Opúsculo sobre o Modo de Aprender e de Meditar*. Disponível em: <<https://hugodesaovitor.wordpress.com/tag/opusculo/>>. Acesso em: 12 set. 2018.

IBARBOUROU, Juana de. *Chico Carlo*. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, 1944. 130 pp.

LESSA, Orígenes. *Dom Quixote*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. (Clássicos da Literatura Juvenil) 186 pp.

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*. Organização de Leodegário A. de Azevedo Filho, coordenação de André Seffrin. 2. Ed. São Paulo: Global Editora, 2017. (Coleção Cecília Meireles) 1152 pp.

MÚSICA en el Quijote – Orphénica Lyra. [Cuenca]: Glossa: 2005. 1 CD (72min 30s).

NARLOCH, Leandro; TEIXEIRA, Duda. *Guia Politicamente Incorreto da América Latina*. São Paulo: Leya, 2011. 336 pp.

ORTEGA Y GASSET, José. *Meditaciones del Quijote*. Disponível em: <<http://www.mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Ortega%20y%20Gasset/Meditaciones%20del%20Quijote.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2018.

RICO, Francisco. Entrevista Francisco Rico: Empiezo a ser más ficticio que real, *La Razón*, Madri, 13, abril, 2015. Caderno Cultura, Disponível em: <<https://www.larazon.es/cultura/francisco-rico-empiezo-a-ser-mas-ficticio-que-real-DC9433005>>. Acesso em: 18 sep. 2018.

_____. Fragmentos y vínculos. *Trama & Texturas*, Madrid, número 13, pp. 21-7, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/259081>>. Acesso em: 12 set. 2018.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em Perigo*. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro, DIFEL, 2009. 96 pp.

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI. Faculdade Interdisciplinar em Humanidades. Projeto Político Pedagógico do Curso de Humanidades. Diamantina: 2012. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/cursos/bhu/projeto-pedago-menubhu-753.html>>. Acesso em: 05 set. 2018.

_____. Faculdade Interdisciplinar em Humanidades. Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras-Português e Espanhol. Diamantina: 2011. Disponível em: <<http://site.ufvjm.edu.br/letras/files/2013/06/Letras-Portugu%C3%AAs-Espanhol-Projeto-Pedag%C3%B3gico.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2018.

VILLALBA, Terumi Koto Bonnet. O ensino de espanhol no Brasil: revisitando o tema da política linguística. In: FERREIRA, Cláudia Cristina; ORTIGOZA, Arelis Felipe; ZORZO-VELOSO, Valdirene F. (Orgs.). *El Español en Mira: enlaces lingüísticos, literarios y metodológicos*. Londrina: UEL, 2013. pp. 13-26.

WEIL, Simone. *Espera de Deus*. 12. reimp. Porto: Assírio & Alvim, 2005. (Coleção Teofanias) 256 pp.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)
Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 10/2019

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

www.facebook.com/revistavozesdosvales

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424
Periódico Científico Eletrônico divulgado nos programas brasileiros *Stricto Sensu*
(Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,
em diversas áreas do conhecimento.